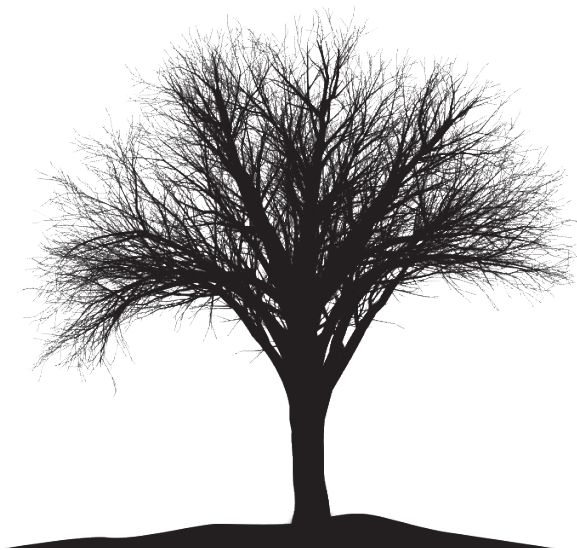


Eufeme

magazine de poesia



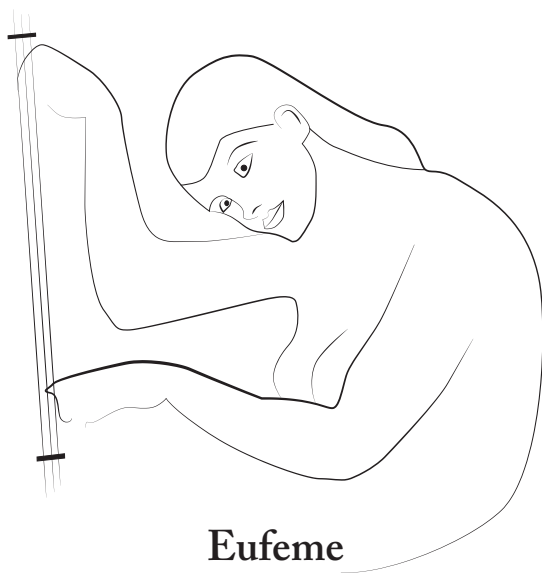
n.º Ø

julho/setembro de 2016

Índice

- 5 Eufeme
- 7 **Amadeu Baptista**
- 8 DEPOSIÇÃO DAS CINZAS DE LUÍSA DACOSTA
NAS ÁGUAS DE A-VER-O-MAR
- 11 **Ana Barbeiro**
- 12 [era um gato]
- 12 [eu queria ter um cão]
- 13 [desenquadrada]
- 14 [sob o sol]
- 15 **Rui Tinoco**
- 16 [como sentem os livros]
- 17 [o livro sobrevive ao autor:]
- 18 [vim aqui apenas para ver]
- 19 [o autor é personagem]
- 20 [vi-te a ver-me: um]
- 21 **Jorge Velhote**
- 22 UMA PALAVRA BREVE COMO UM ABRIGO
- 23 TRAGO PARA A LUZ UM FIO DE ÁGUA
- 27 **Luís Quintais**
- 28 Campa
- 29 Schopenhauer lido por Tricky
- 30 Síntese e remorso
- 31 Móbile
- 32 Futuro
- 33 **Vítor Sousa**
- 34 [Ocupamos bocas entreabertas,]
- 37 [Parar é bonito.]

- 40 **A.DaSilva O.**
- 42 AUREMOS.
- 42 VINTE E UM GRAMAS
- 43 O GRANDE GLAMOUR
- 44 **Sara F. Costa**
- 45 A semiótica do sucesso
- 46 Se te esperasse dificilmente vinhas,
- 47 Poeta
- 48 Queimo-me na boca das horas,
- 49 **Sérgio Ninguém**
- 50 [Se o inferno existisse, os mortos regressariam]
- 50 [Já não existe ninguém,]
- 51 [Mulheres preenchidas com túnicas ruivas,]
- 51 [Todos os dias, desloco-me a preto e branco,]
- 52 [Com a face rasgada e os cabelos em pé]
- 53 **João Esteves**
- 54 Vamos brincar aos homens
- 57 Posfácio
- 58 Estatuto Editorial



Eufeme

Em certa manhã depressiva
deste país acabrunhado,
a informação não é poética,
mas deficitária de tais pensamentos:
– Eufeme (re)nasce!

A deusa que discursa correctamente
pede agora para declamar poesia e
fugir dos aglomerados habituais.
Eufeme quer respirar livre, e
como um pica-pau quer picar as mentes moles
dos seres insalubres e adormecidos.
Eufeme vem pronunciar poesia com a voz de
ninguém e de todos os poetas!

Sérgio Ninguém
(30-06-2016)



um poema de

Amadeu Baptista

Nasceu no Porto, a 6 de Maio de 1953. Publicou o seu primeiro livro, *As Passagens Secretas*, em 1982. Dos mais de trinta livros de poesia publicados entretanto destaca: *Poemas de Caravaggio*, Prémio Nacional de Poesia Natércia Freire, 2007 e Prémio Literário João Lúcio, 2008; *Açougue*, Prémio Espiral Maior, Espanha, 2008 e *Um Pouco Acima da Miséria*. Prémio de Poesia Cidade de Ourense, Espanha, 2013. Colaboração dispersa em jornais, revistas, livros colectivos e antologias nos seguintes países: Argentina, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, E.U.A., Espanha, França, Grã-Bretanha, Itália, Luxemburgo, México, Portugal, Roménia e Uruguai. Alguns dos seus poemas foram traduzidos para alemão, castelhano, catalão, croata, francês, hebraico, inglês, italiano e romeno. É tradutor de poetas espanhóis, gregos e escandinavos.

DEPOSIÇÃO DAS CINZAS DE LUÍSA DACOSTA NAS ÁGUAS DE A-VER-O-MAR

Não sei, querida, se de onde estás agora
consegues ver o mar.

Não sei se nesse lugar os teus amigos
te visitam e entregam finalmente
a faca que aos gritos reclamaste
na casa onde estavas para morrer.

Não sei se o céu te recebeu e agora tudo
não é mais do que uma letra
que falta contornar.

Onde estás escuta-se o *Nocturno*
para Orquestra, op.70, de Martucci?

As aves são as mesmas que tu viste
a progredir no azul da praia?

Há aí crianças?

No termo dos teus dias pedias aos amigos
uma faca para te matares.

Uma razão benigna cobria-te o espírito
porque o que tinhas era insuportável
e não há o que tenha gumes mais desesperados
do que a lucidez.

Quem morre há-de saber o que encontrar.

Após a luz uma outra luz existe,
que é mais profunda e chega de mais longe,
o oculto brilho que habita a faca que pediste.

Com muito poucas sombras à tua porta,
tu cerzias a escrita, enquanto os pássaros
te tocavam a cabeça
e um esbracejo de mulheres se afadigava
a estender a migalha de sargaço
que a nortada trouxe.

Sabias bem como atravessar os campos da noite
e que, algures no tempo, deixaremos
de cá estar para registar a perda.

Sabias bem, querida,
que na polpa do corpo só o desejo resta
e que a sede permanece e não se extingue.

Subiste às árvores durante toda a vida.

Por ti subiu o fogo e às águas vens,
para que o tudo e o nada se consumam
e de ti façam uma árvore de vento.

A tua escrita, querida, ficará
cerzida a essa árvore, com a bênção
das marés que hão-de vir,
onda após onda sobre o areal
de tudo quanto amaste.

A palavra é sagrada,
escreveste, um dia.

E assim há-de ser para todo o sempre,
até que nunca mais haja partida.



quatro poemas de

Ana Barbeiro

Investigadora em psicologia e ciências sociais, tenho escrito desde que aprendi as letras todas. As minhas publicações resumem-se praticamente à esfera profissional. No domínio literário apenas publiquei textos esparsos e esporádicos em revistas e blogs independentes. Estou decidida a começar a mostrar mais daquilo que escrevo.

*

era um gato
aos pés da lareira
pendurado
em vasos de varanda

furando grades
salta telhados
a arrulhar gaiivotas

*

eu queria ter um cão
companheiro
que me levasse
ao passeio
onde virtudes
canídeas
encontram
amizades em donos

*

desenquadrada
da carne
onde vivo
perdi
o eixo
do esqueleto
que me avança

olho
vesga
o chão
e as núvens
sem saber
onde pôr
os pés

*

sob o sol
molhado

o assobio
de amolar
facas

transporta
sons
de arco-íris

viaja-me
ao bairro-operário
da infância

à alegria
grande
da avó



cinco poemas de

Rui Tinoco

Rui Tinoco, bracarense a viver no Porto, dispersou vários poemas e outros textos literários em diversas revistas materiais e electrónicas. Em 2011 publicou o seu primeiro livro de poesia intitulado *O Segundo Aceno*. Em 2013 veio a lume o projecto *Era Uma Vez o Branco*. Seguiu-se o projecto a quatro mãos *Causas da Decadência de um Povo no seu Lar* (2015).

Mantém os blogues *Ladrão de Torradas* e *Psicologia, Saúde & Comunidade*.

*

como sentem os livros
quando os trata como um Outro:
um mundo, um tempo, um
ensaio de emoções? até aí
o mesmo irreversível tudo
inunda: quando pões a máscara
de deus pré-histórico e avanças,
recuas páginas, na mimetização
exacta do destino imprevisível.
como sentem os livros ao saber
que és personagem secundário?

*

o livro sobrevive ao autor:
enche-se de prefácios,
notas, variantes da mesma
frase. interrogamo-nos então
sobre que pormenor da sua vida
explicaria melhor esta
passagem e aquela. o livro
sobrevive ao autor para
exigir uma biografia: torna-se
autor das memórias de quem
o criou.

*

vim aqui apenas para ver
a escreverem-se uns poucos
de versos mais. um espectáculo
admirável, como todos os espectáculos
do mundo: ler a chuva,
compreender o vento, escrever
a água. (tudo o que traz purificação
consigo). movemo-nos sobretudo
na esfera do simbólico: a cadeira
imaginária, o ponto final que não existe,
o autor a tomar-se como objecto.

*

o autor é personagem
do seu texto, o seu evangelista.
espalha a palavra,
tornando-a carne, voz que voa
sobre a plateia em plena leitura
interior. é também o próprio
branco da página fecundado
pela sua biografia:
intermináveis passeios grafados
na obsessão da vírgula
nas palavras que ressoam
como a natureza. «neste verso
estive mais próximo do mundo
naquele mais afastado».
mas um e outro terminam:
silêncio como um virar
de página, como na morte.

*

vi-te a ver-me: um
poema d'amor escrito
ao contrário. uma leitura
difícil. olhas o meu
corpo de homem como
uma história antiga de ti.
era uma vez o abandono
e a desolação. é vê-los
espalhados por diversas
fotografias. é agridoce
a lenta observação dos nossos
corpos jovens, desvanecidos,
causa uma dor quase física.
é também um texto rasurado
aquele que poderia escrever sobre
a minha mão envelhecida a tentar
afagar o teu rosto que já não está
aqui. já não estás aqui.



dois poemas de

Jorge Velhote

Jorge Velhote, Porto, Maio 1954.

Crê que ao olhar se devolve o trânsito da imaginação, restos e fragmentos da natureza, a proximidade dos espelhos, do abismo onde se despenha a solidão e se crava o fulgurante punhal da memória. Cada poema, cada fotografia, actualiza e deslumbra os vestígios urdidos no cenário, faz comparecer o mundo e amplifica os sinais mais nocturnos. Nesse tumulto perpassa a clausura da claridade ou das sombras, o ímpeto da água e do lume, a transformação dos segredos e dos enigmas. O que para além das palavras brilha e declina e emerge pela essência da luz: *Atrito de Gotas (em colaboração)*; *Os Sinais Próximos da Certeza; Hermeneutical Studies; Os Mapas Sem Fronteiras Sufocam Os Lugares; Máquina de Relâmpagos; Pele; Narrativa da Foz Do Douro, Luz Plural (em colaboração)*. E por aí em outras línguas, variando lugares incertos ou vestígios como escadas para o abismo e liturgias que adensam nas dunas a oficina da luz.

UMA PALAVRA BREVE COMO UM ABRIGO

para o Francisco e para o Filipe

Com delicado espanto nos lábios chegaram, e de tudo e de nada resta tanto no olhar em surdina, um lenço enorme de palavras, desenhos esvoaçando verdadeiras sombras e vento que desfralda aceso nos dedos e rasura o abismo dos dias.

Entre o orvalho das manhãs e os passos ínfimos da noite é em alvoroço como nas frondosas árvores os pássaros minuciosos aguardam o sol que adormecemos cúmplices como espelhos.

Na ignorância dos nomes, na sua inclinação invisível, contemplamos a água eterna do mar no seu azul profundo onde o fulgor da luz é breviário e vertigem.

A alegria é uma labareda esplendorosa, lápis desenhando no ar o voo das borboletas, uma palavra breve como um abrigo ou lua adormecida sobre um muro – e tudo é na sua lentidão esperança repetida, ávida semente, o secreto bosque de um coração.

No silêncio lavra a beleza sem descanso constelações, sem princípio nem fim nem tarde, do tamanho de todos os cometas e planetas que urdem na obscuridade penetrante um pouco mais de luz, a

polifonia de um segredo, o beijo da escuridão, a palavra mágica mais próxima do sol.

Levamos então aos lábios os nomes todos. O sangue onde dissolvemos as cicatrizes das montanhas. Um estilhaço de vento e maresia. Um outro de cinza e cal. O sopro que ergue no ventre outras tempestades. A beleza da matéria pura ininterrupta como língua coroando de silêncio as palavras. De palavras que desobscurecem da penumbra e ardem e escavam na terra a sua cor. O seu perfume. Enquanto inclinas a cabeça para dessedentar de abundância a escassez de um olhar para tumulto ou predestinação da luz.

TRAGO PARA A LUZ UM FIO DE ÁGUA

para Hélder de Carvalho

Trago para a luz um fio de água, a lucidez irreversível, a louca ferida lírica de um coração. O destino é um desenho que sobe da terra pelas árvores e bate obscuro em qualquer lugar como num corpo a sua sombra. Um rumor de pedras que pulsa sobre as feridas seculares como montanhas expondo na paisagem o seu ritmo ou perda em permanência.

E tudo é tão silencioso que espanta desabrido em escassez ou inferno. E tudo se espalha em carpintaria e sal, nos cães que ladram, na fuligem sobre os muros e na luminosidade que mistura os búzios e as mulheres, na agitação dos peixes estendidos sobre os ombros, por detrás dos pássaros perseguindo no seu destino a morte. E o que resta é engolido na escuridão das imagens como a fome ou a humidade nas roupas, nas ruínas que descarnam as sepulturas, na exactidão que rasga a água como bálsamo.

Aí, nesse ambíguo cruzas o vento com o pó das mãos, serás o aprendiz sem remorsos do frio, o que acena com palavras acres e a lonjura cauciona infestada de surdos remorsos. E olharás o céu em vigília como se caminhasses entre ossos e vidros para não chorar, consumindo o ar fresco, sugando dos frutos o seu hálito, a tremura das chamas, os minuciosos odores que salpicam a pele submersa que emerge enquanto assombram ao olhar em sangue as tintas dos desenhos.

Uma palavra não chega para o seu fim como nos lameiros se purga o lodo ou abafam as neblinas. E serás breve na tua solidão perdurando cedo nas ladeiras que escorrem do céu a que assomas com a filigrana dos versos descrente. É ácida a água que bebes e não és imune ou venturoso.

Serás justo como os plátanos que declinam o embuste da memória e erguem nos túneis o incenso dos segredos, a língua dos massacres que ressoa nas cidades sem aviso. Como se deus,

adormecido, repetindo sem cuidado a mesma partilha de sempre, perdidamente exausto, aguardasse numa curva a tua ausência.

Mas não esqueças, há labirintos sonoros que fermentam na tua cabeça como caldeiras tempestuosas, bâtegas de escamas que te revolvem a pele em ira, subterrâneos cúmplices da invernã e dos presságios abissais que escavam na tua língua séculos, pústulas em decomposição violenta que esbarram no sono dos penedos os seus vulcões em chamamento – é isso a morte? –, abismo onde despejas o vento febril dos despojos, velocidade que estende os seus odores, na luz embriaga a nudez de perfumes, fustiga os dedos sobre as páginas com a caruma exacta do esplendor da perdição extrema com que o eco é nas veias a inocência, o espelho onde esvazias os dias, a escura sombra onde humedeces as lágrimas ou engastas os rastros incomensuráveis do olhar e perpetuas o fulgor das pedras e dos caminhos e a morada das divindades.

É sobre o ritmo dos céus que estiras o nada obscuro, a cegueira iluminante, que testemunha o caos da sabedoria, lâmpada bafejando as metáforas que inspiram a melancolia ou a impaciência com que se entranha fundo o vapor da música, essa matriz donde transborda a dilatação das narinas, a matéria intensa das emoções, a suspensão da pureza da tristeza, o adubo saturnino dos campos, a arte de remar macerando as ondas ou balbuciando entre as coxas sílabas embebidas de labaredas – é isto a morte? –, luz ramificando em decantação os bagos de zimbro, o rugoso encantamento que lapida os gestos exactos com que as sementes arrebatam cerimoniosamente o ar e brilham transcendendo a

noite na sua errância muda como se fossem a magia de um poema ou archote de ferro ardendo terrível junto aos pés.

E nos campos, e nas tábuas, e na murmuração dos desertos colherás o ar dos verbos infindos, os mapas incessantes, a volúpia rigorosa do amor, o que culmina fecundo em passagem ofertante, constelação onde se fundam paisagens bafejadas pelo turbilhão da pele e pelos estames rútilos da solidão – é assim a morte? –, que atravessam o sagrado vazio de infinito ou nuvem interminável e vem invocando as lâminas que revolvem os desejos, queimam a sede dos venenos, alinham os arrabaldes das paisagens e arrastam de escuridão a bondade das cores donde escorre a beleza e os escombros luminescentes do mundo, os cavalos como um pensamento, os seus frescos fugazes que baptizamos piamente magoando a infância de tudo sem remorsos, badalando sinos absolutos a prumo sobre miragens inextinguíveis que estriam o limiar do tempo onde cravejamos a cintilação da cinza tocada pela incerteza das palavras e o gume da luz – é assim a morte?



cinco poemas de

Luís Quintais

Luís Quintais nasceu em 1968. É poeta, ensaísta, antropólogo e professor junto da Universidade de Coimbra. Publicou onze livros de poesia: *A imprecisa melancolia* (1995), *Lamento* (1999), *Umbria* (1999), *Verso antigo* (2001), *Angst* (2002), *Duelo* (2004), *Canto onde* (2006), *Mais espesso que a água* (2008), *Riscava a palavra dor no quadro negro* (2010), *Depois da música* (2013), *O vidro* (2014) e *Arrancar penas a um canto de cisne. Poesia 2015-1995* (2015). Como poeta, foi distinguido com os prémios Aula de Poesia de Barcelona, PEN Clube Português, Prémio Fundação Luís Miguel Nava, Prémio Fundação Inês de Castro e Prémio António Ramos Rosa. A sua página pessoal na web pode ser encontrada em: luisquintaisweb.wordpress.com

Campa

Este extâse, e para lá do extâse,
O que não expliquei, o que se furta

À explicação. Um vácuo onde se desfaz
A percepção do que amei, toda

A lembrança, todo o esquecimento.
Uma paráfrase do corpo, dos signos perfeitos

De que só temos o eco, a incerta
Virtude que há na luz, que há na pedra.

A gratidão por ter acolhido
Esse eco, contraponto do canto

Em que a forma se desenha.
São apenas fantasmas o que colho,

Enfeitando a minha campá.

Schopenhauer lido por Tricky

Lavai a alma,
Lavai.

A água desalinha a virtude,
Faz de novo o novo, e o mal

Recuará, recua já.

Lavai a alma,
Lavai.

Em escombros se diz
O mundo, a sua representação

Apodrecendo.

Lavai a alma,
Lavai.

Densa água diluindo
– Uma parte num milhão –

O presente envenenado

De existir.

Síntese e remorso

Acerca da fragilidade
De uma criança
Nada diremos.
Acerca da sua força e das imagens
Nocturnas que se espelham
Como o adversário se espelha
Na polida solidez do escudo,
Sobre isso talvez nos seja dado
Dizer o que não merece mais
Do que síntese e remorso.

MóBILE

Mês de Maio, filha ao colo, chuva mansa.
Uma interrogação sem resposta sobressalta certezas,
Garatuja de dedos escrevendo no ar o que não posso ler,
Ténue esboçar de lembranças onde não estou
E que serão suas, mesmo quando Ela
Delas não fizer lembrança.

Mês de Maio, chuva mansa, a dos desesperados.
Uma clareira de almas assimétricas,
Desenha-se entre nós
Oração de força e fragilidade,
Atributos permutáveis e ambíguos
Que o tempo reúne como um feixe de fibras fechadas.

Mês de Maio, filha ao colo, chuva mansa,
Tomados, ambos, pela fluida nostalgia de um deus
Sobrevivo.

Futuro

Uma cidade de volumes
Enlouquecidos pela exasperação
Das imagens que gravitam já
Na matéria do ar.

Dureza de antecipações
Com que o canto mais motivado
Pela sombra declinará o meu medo
Desse futuro
Onde caminharei só.

Luís Quintais. Junho de 2016.



dois poemas de

Vítor Sousa

Nasceu a 11 de Janeiro de 1984.

*

Ocupamos bocas entreabertas,
cigarro a cigarro,
com filtros para o inconfessável
entre as horas mortas de crianças
que só viveram o suficiente para um retrato.

[Acendo o próximo com o que resta do teu lábio,
sarça ardente.]

Empilhamo-nos até à enchente de cinzas
e alguém renova a campa
só para recomeçamos a acumular beatas
no peditério de cancos.

À chegada, memórias de putas tristes
nas pálpebras do bar.

Via-se:

Havia uma glória perdida nas escadas
que dão acesso à década de oitenta.
A Glória ainda lavava os sanitários
para acreditar
que ontem houve orgias,
água benta para ritos de pé,
contrabando de epitáfios,
mulheres que se atiram do precipício
e tráfico de influências entre gente
que contraiu adse.

Esperámos como quem respeita a urgência
de recordar.

Atendeu-nos com aquela esperança
de furar vermelhos
porque não é da natureza dos derrames
a civilização dos semáforos
[E há tanto que um homem não
lhe exhibe uma chave inglesa
para reduzir a folga de dedos
no day-off]

Já ninguém pede um whisky
para dissolver xanax
ou celofane para branquear gozo
na apeadeiro de vénus.
Devíamos saber que é preciso força
para pecar
e há tantos acamados
que apodrecem sem o poder
de levantar falos
testemunhos.

[Chá verde e selfies
são ofensas para quem a traição
continua privada de sinos
que gozam a mesma hora
duas vezes ao ânus.]

Resumimos guerra e paz
num suspiro de crime e castigo
e o Elvis confere a posologia,
are you still mine?,
como uma dose despida a rigor.

[Na rua
um homem procura mulheres
para mandar bocas
pelo correio.]

Cala-te, musa.
I've got no gods to declare.

*

Parar é bonito.
Suspende o movimento,
imitar de pé os mortos atrasados
imitar de pé os muito vivos
na antologia do melhor fotógrafo
de fuzilamentos.

Querer da sirene um hino pátrio,
Live Shoah,
encostado às cordas
do muezzin
para aviar as cinco encomendas
quando esse deus está mais exposto
[e um ou outro serviço experimental,
cortesia para quebrar as retinas
dos vizinhos que já se publicaram em obituários
e agora grafitam lápides num jardim público de fetos]

Parar é bonito
quando o trânsito coagula
porque há meninos de sorrisos rasgados
no asfalto
e
“senhoras e senhores,
começa em breve
o casting de nus
para o calendário da vossa funerária.”

Parar é bonito
quando crianças no vermelho
abrem o sinal
da cruz
e limpam do capô
mulheres que vêm da ponte
sem licença de maternidade.

[E homens de periscópio estragado
por torpe-models de corte fatal
ou outros que reprovaram no código
por desconhecerem a distância de segurança
que evita o crime da tentativa.]

Parar é bonito
na berma da estrada
de Damasco
só para ver passar
metade da virgem num andor,
aplicar um halo de poeira
e perceber que não somos inéditos,
foda-se,

porque o degolador é Go pro
e a outra metade já é viral.
[E seguimos caminho com gps
em busca de vaga para acampar
no mais recente campo
de refugiados
a levar uma limpeza]

Parar é bonito
nos dias de sr. Dr. sr. Eng.
assou bem, vossa excrescência?
quando acordar aqui é um investimento
ruinoso,
mas ainda ouves o Pai dizer
"cuidado com as paragens de digestão".

Se é para parar, Pai,
que seja de barriga cheia.
Talvez acabe por dar um verso
ao legista que me receberá de peito aberto.
"Este homem morreu com uma necessidade"
No fundo,
ir embora para não fazer mais merda.



três poemas de

A.DaSilva O.

António S. Oliveira (1958) além de literariamente dar à luz A. Dasilva O. (1980). publicou: Carta a um Morto, 1993, Black Sun ed.; Uma Pequena Obra Prima, 1995, ed. Mortas; Auto-Retrato de um decadente, 1997, Black Sun ed.; Pide, 1997; Sete Beijos Numa Pedra, 2000, ed. Mortas; O Bem Volta a Atacar (Teatro), 2003, ed. Mortas. Fundou as Edições N. Fundou e dirige as Edições Mortas A. DASILVA O. Não nasceu foi inventado. É poeta: entre outros editou na Casa Museu A. Dasilva O.: Eco ou o Gago, 1982, ed. autor; Chocolates Choupe la Peace, 1984, ed. N; X-Acto, 1985, Black Sun ed.; Anti-Cristo, 1993, ed. Mortas; Fuck You, 1995, ed. Mortas; Desobediência Poética, 2002, Black Sun ed. É dramaturgo de O Último Desejo de um Serial Killer, 2000, ed. Mortas; Teatro d'Abjecção, 2005, ed. Mortas. Destaca-se ainda: Correspondência Amorosa Entre Salazar e Marilyn Monroe, 1997, ed. Mortas; Diários Falso de Fernando Pessoa, 1998, ed. Mortas; O Livro Mau, 2003, ed. Mortas. Colaborou em vários revistas e jornais.

Criou e editou várias revistas: Arte Neo, a revista Filha da Puta, Papa, Marquesa Negra, Broche Suburbano, Última Geração, Voz de Deus, entre outras. Promoveu e realizou em dose dupla As Conferências do Inferno, Os Encontros com o Maldito em colaboração com o grupo de teatro Contracena. Co-fundou e dirigiu a Rádio Caos onde realizou entre outros programas: A. Dasilva O. Fala ao País, Pã&Pika, Teatro d'Abjecção, Punhetas de Wagner, Vis. Edita actualmente a revista de Poesia, «Piolho» e a magazine «Estúpida» **acaba de publicar «O POETA CHOUPE LA PEACE»;** **"Sol para presas" livro de fotografias.**

AUREMOS.

Um facto em si não é Belo
O Belo em si não é um Facto
mas não há Facto mais Belo
que um homem fora de si

VINTE E UM GRAMAS

enrolar o poema na mortalha
e a vida é uma cadela
chamada infância

O GRANDE GLAMOUR

Junto ao abismo
a cavernosa interrogação
e a velha fraqueza humana
de desprezar a poesia
e amar o seu duplo

Subitamente a neve
sublima-se numa nuvem
corvo dentro de um micro
ondas

fica sempre bem
o verso branco

imenso
tenso

a colar o quebrado
silêncio
com cola mortos



quatro poemas de

Sara F. Costa

Sara F. Costa (1987) Natural da Vila de Cucujães, percurso escolar feito em S. João da Madeira. É licenciada em Estudos Orientais e Mestre em Estudos Interculturais: Português/Chinês pela Universidade do Minho e Universidade de Línguas Estrangeiras de Tianjin, China. Encontra-se a tirar um Doutoramento em Relações Internacionais na Universidade Nova de Lisboa

Tem publicadas as obras poéticas:

- A Melancolia das Mãos e Outros Rasgos (Prémio Literário Serra da Lousã, Pé de Página editores, 2003)

- Uma Devastação Inteligente (Prémio Literário João da Silva Correia, Atelier Editorial, 2007)

- O Sono Extenso (Prémio Literário João da Silva Correia, Âncora Editora, 2012)

- O Movimento Impróprio do Mundo (Prémio Literário João da Silva Correia, Âncora Editora, 2016).

A semiótica do sucesso

ninguém te viu como eu te vi,
um sobressalto de sangue,
uma tradução nebulosa
um poema escrito no metro em direção a Odivelas
isto porque eu sei que ninguém te escreveu
ou contemplou a enfermidade
que trazes esculpida na alma
talvez porque mais ninguém traz letras suficientes
na boca,
talvez porque te pareças com uma ave ferida
pela pós-modernidade,
e o meu instinto é demasiado solto
na tua postura muito reta
na gravata inesperada aos trinta
toda a tua invisibilidade relata
a semiótica do sucesso.
no teu fato construído com a paciência neoliberal
que tanto dizes apreciar
enquanto secretamente querias passar os dias
comigo e umas gramas de marijuana.

Se te esperasse dificilmente vinhas,

és do género fugitivo:
existência de pó
na proa de navios sem frota.
finges impérios
porque não dominas a tua rua,
trazes as páginas cúmplices
dos livros que te escreveram.
fantasiar não te apazigua,
antes te devora os passos
porque isso não são fantasias,
são labirintos que te trazem
ao meu cabelo esticado pela fome,
onde tentas rugir o meu nome
até que rompa.
na multidão extinta das bibliotecas
lês um poema que contém
benzeno, nitrosaminas, formaldeído
e cianeto de hidrogénio.

Poeta

imagino a dimensão da porta
por onde a beleza te chega
e imagino a paciência
abandonada pelas arestas do dia.
ouvi falar
do Verão pintado
que trazes em torno do rosto.
imagino a cama onde tremem
avisos mudos
e a poeira que se acumula
nas dobradiças da língua.
quero ter um quarto igual ao teu:
uma varanda estéril,
um candelabro de plástico,
um espelho que me humilhe
e um chão indiferente ao desejo.

Queimo-me na boca das horas,

és um inimigo ternurento
cristalizado na nudez das tardes que partilho
com as lembranças de plástico
que me sobem pela vaidade.
o cheiro do teu rosto desfigurado
entra-me pela nuca,
eras um mestre rigoroso
ensinaste-me a sofrer com paciência
lembro-me desse dezembro doce,
da trovoada cardíaca
um perigo com sabor a vida e
uma nostalgia a arder nas sílabas das minhas lamentações.
guardo de nós os segredos desengonçados,
o ódio de vidro onde abandonamos raízes.
será que regressaremos um dia aos estreitos pulsos
onde tatuamos o drama
à chuva que nos recortava o peito
à lealdade psicótica que mantínhamos pela vida.



cinco poemas de

Sérgio Ninguém

Sérgio Ninguém, Maia, Agosto 1976.

Poeta autodidacta. Sem medo da formação académica no entanto não concordando com os demais decidiu pegar no lápis e escrever às gavetas a alma das pedras e das coisas insignificantes, no entanto ardentes e infernais. Com uma febre imensa, nunca sossegou enquanto descobria as novas linguagens. Agarrado a incertezas como a uma bóia de salvação, escreve da janela onde o mar passa em sentidos complexos para a frente e para trás, e onde ventos loucos amanhacem e adormecem onde menos se espera. É ninguém no meio de tanta gente!

*

Se o inferno existisse, os mortos regressariam
à vida. Piranhas no ar quente através
do suco das folhas verdes das amazonas que
ferram nos crentes de voz travada,
o horror também sai à rua, e talvez à dentada
nos tire o sono impérvio, da nossa memória,
nirvana igual não existe agora,
devemos alcantilar o fio
verificar a verticalidade das coisas,
para depois subir às altas montanhas
e gritar para o inferno: — vai-te embora!

*

Já não existe ninguém,
que procure o reflexo,
e a verdadeira luz da água!
Só as memórias flutuam:
– como mentiras insalubres.

*

Mulheres preenchidas com túnicas ruivas,
sobem às montanhas vermelhas,
aduzem razões bastantes inquietantes
e a promessa do sagrado nunca será cumprida.

A carne no seu todo, nada significa.
Rascunhos de uma vida voltada ao contrário.
Preencher o que está por preencher,
e o restante é o que fica...

*

Todos os dias, desloco-me a preto e branco,
polaroid do conhecimento sem cor.

Desloco-me mesmo sem me mexer,
percorro o mundo com melancolia e dor...

*

Com a face rasgada e os cabelos em pé
as mãos delirantes e as pernas ofegantes
devemos desmontar a caixa branca e o eremita ficar longe,
deus é pura inexistência e os enfermos verdadeiros,
com a cabeça no vidro partido e o sangue sem rastro,
a neve como cobertor e a música surda o tempo todo,
por de trás dos olhos não existe nada para além da escuridão,
um relâmpago na mente branca e a negativa perdura para sempre

Passamos o dia de pé e quase sempre
dizendo rábulas mesquinhas aos ouvidos dos mortos,
dias estranhos perseguem-nos por todo o lado
casas vazias gritam para o alto e para o céu
sem fim, delírios altíssimos
memórias estranhas agora durante o fim dos dias...
Amar tudo mas ao contrário e converter os capitalistas em
sacos de comida para os que tem fome e em
sacos vazios para os que não a têm.



14 escritos aforísticos sobre a natureza desumana

João Esteves

Estudante de Medicina, natural do Porto.

VAMOS BRINCAR AOS HOMENS

*

Sempre achei negligente a frase de Freud de que a vida é apenas uma brincadeira de crianças com a qual vale a pena fazer uma piada. Ele, como psicanalista, deveria ter pensado no sentido de humor dos psicopatas.

*

Pedes a uma mulher a justeza dos sentimentos, a verdade do enredo. Mas sabes que nada conseguirás levar, senão um profundo silêncio contigo, apenas acompanhado pelo soar das locomotivas que vês passar.

*

Com o tempo, rimo-nos do atraso dos nossos antepassados. Assim sendo, tempo é humor. Se humor é tempo, tudo o que resiste ao humor, resiste ao tempo. Mas, como no limite, nada resiste ao humor, nada resiste ao tempo.

*

Só arranja boa solução nas relações amorosas quem está indisponível para amar.

*

O reconhecimento do conhecimento, torna-te uma pessoa desinteressante e previsível. Portanto, se o sabes, guarda para ti. Se não o sabes, cala-te e aprende.

*

Emil Cioran disse: «Desconfiar dos pensadores cujo espírito só funciona a partir de uma citação». Tenderia a concordar com ele, não fosse o facto de ser uma citação.

*

Cada coisa a seu tempo. Não tenhas pressa em obter o reconhecimento vão, a atenção de quem não entende o que dizes, o afecto insuficiente. Cada coisa a seu tempo. Não tenhas pressa.

*

Não deveríamos ser um, mas dois. Temos a capacidade de distanciarmo-nos da própria atitude que temos diariamente. Uma coisa é o que nós pensamos, outra é o que nós pensamos acerca daquilo que pensamos. Como o bom humorista que se distancia da sua piada, concedendo-lhe o crédito que ela merece, isto é, que ela é também o reflexo das suas manias, também nós, comuns mortais, deveríamos nos distanciar do lado sério da vida. Todo o humorista que sacraliza a sua piada é um humorista condenado que acaba sendo um activista dos direitos humanos. Por outras palavras, a pior crítica que um humorista pode fazer a outro é que ele leva demasiado a sério a sua piada.

*

A História não é mais do que uma sequência de eventos trágico-cômicos, em que o Humor nunca poderia existir sem a ausência de Liberdade.

*

O medo é o maior instinto de sobrevivência. Se não o tivéssemos, cada coisa seria o que é e não suportaríamos a culpabilidade disso.

*

“Existe algo mais triste do que envelhecer: permanecer criança.”, disse Cesare Pavese. E como estão enganados aqueles que pensam nas virtudes do olhar cândido de uma criança. É-se criança quando se o foi, como tal, é impossível voltar a sê-lo. Tudo o mais são loucos e suicidas.

*

Percebo as pessoas que recorrem à prostituição. Como não ceder à tentação de trocar uma nota pela vaidade humana?

*

O conceito de amizade é, no limite, uma utopia, porque numa relação a dois há sempre, pelo menos, uma terceira pessoa.

*

“Vaidade das vaidades: tudo é vaidade”. Mesmo o amor e o humor, o altruísmo e o suicídio. Todos eles remetem para o último desejo humano. Até, e acima de tudo, isto. Por isso, quanto mais contra algo somos, mais essa matéria se parece alojar dentro de nós.

Posfácio

O nome da deusa grega Eufeme, que na mitologia grega é a deusa do discurso correcto, serviu de inspiração para o nome desta magazine de poesia.

Este poemário confirmou as minhas expectativas: que esta nova magazine de poesia, tanto pelos poemas enviados, como pelos poetas que nele participaram, é uma excelente aposta literária. Existem bons poetas e confirma-se também o seu gosto pela poesia.

Uma paginação simples e uma tipografia digna de se ler ajudam a compor este projecto simples e belo.

Sem ambição comercial, sem subsídios de qualquer espécie e também sem qualquer apoio monetário, vou continuar a publicar aquilo que o mercado editorial habitual não faz, que é editar por gosto e não pela ganância que hoje impera e subsiste em qualquer lado.

O meu agradecimento a Amadeu Baptista, Ana Barbeiro, Rui Tinoco, Jorge Velhote, Luís Quintais, Vítor Sousa, A.DaSilva O., João Esteves, Sara F. Costa e João Luís Barreto Guimarães pela gentil colaboração e ajuda neste primeiro número, contribuindo para o nascimento da *Eufeme*. Sem eles, nada feito. Obrigado!

Sérgio Ninguém
(30-06-2016)

Estatuto Editorial

Eufeme é uma publicação trimestral dedicada à poesia. Pretendendo ser um meio de expressão literária sem formalismos, escolas teóricas ou moldes comerciais de qualquer espécie.

Eufeme é independente de poderes políticos, económicos e considera-se autónoma a qualquer crença religiosa e ideológica, sendo apenas orientada por critérios de liberdade de expressão, isenção e criatividade.

Eufeme tem como objectivo divulgar textos literários quer em poesia como em prosa poética.

Eufeme terá temas que são por norma livres e diversificados embora possa haver partes ou conjuntos sobre uma matéria ou tema específico.

Eufeme não assume a responsabilidade pelas opiniões expressas nos textos, estes são da responsabilidade dos seus autores.

Eufeme conta com a participação de autores regulares bem como também de autores convidados ou colaboradores espontâneos.

Eufeme reserva-se ao direito de optar ou não pela publicação dos textos poéticos recebidos.

Eufeme estará disponível em PDF, eBook (kindle e ePub) e formato impresso. Os dois formatos electrónicos (PDF e eBook) podem ser baixados de forma gratuita no site <http://eufeme.weebly.com>, enquanto o formato impresso só poderá ser adquirido junto do editor, cujo preço será apenas o custo de impressão e os custos postais.

Eufeme é poesia em estado puro!

FICHA TÉCNICA

Eufeme #0

Edição e coordenação: Sérgio Ninguém

Colaboradores nesta edição:

Amadeu Baptista, Ana Barbeiro, Rui Tinoco, Jorge Velhote, Luís Quintais,
Vitor Sousa, A.DaSilva O., Sara F. Costa e João Esteves

Impressão: pixartprinting

Capa, paginação e design por Mancha Gráfica (www.manchagrafica.com)

Ilustração (p.5) Sérgio Ninguém

© dos autores

Eufeme (versão papel) pode ser obtida somente junto do editor enviando pedido para:
eufeme.magazine@gmail.com

Aceitam-se colaborações espontâneas, tanto em originais como traduções, enviar para:
eufeme.magazine@gmail.com

<http://eufeme.weebly.com>

 twitter.com/EufMag |  facebook.com/EufemeMag

Nesta edição:

Amadeu Baptista

Ana Barbeiro

Rui Tinoco

Jorge Velhote

Luís Quintais

Vítor Sousa

A.DaSilva O.

Sara F. Costa

Sérgio Ninguém

João Esteves



Eufeme
magazine de poesia

edição n.º 0 (julho/setembro de 2016)